



DISCURSO

& SOCIEDAD

Copyright© 2011
ISSN 1887-4606
Vol. 5(4), 628-644
www.dissoc.org

Artículo

**Representações no discurso da história: a
relação imagem – texto- ideologia**

*Representations in the discourse of history: the
relationship between image – text – ideology*

*Aparecida Regina Borges Sellan
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP)*

Resumo

Analisar os discursos que representam as diferentes práticas sociais tem sido objetivo tanto das ciências linguísticas quanto das ciências sociais. Esse fazer encontra justificativa na necessidade de se compreender como esses discursos articulam premissas e valores que ideologicamente têm acesso aos membros de determinada sociedade e, de alguma forma, moldam seus modos de agir e de compreender a realidade na qual estão imersos. O discurso da História é um discurso institucionalizado e como tal é imposto pelas classes de poder como algo incontestável e, por essa razão, de certo modo, guia comportamentos e ideologias. Assim, este estudo busca analisar o modo como o discurso da História constrói e mantém ideologicamente representações sobre um acontecimento, neste caso, a Revolução Constitucionalista Paulista de 1932, segundo orientação da semiótica social que permite relacionar a expressão linguística com a expressão imagética. Trata-se de um procedimento que permite verificar a inter-relação de diferentes semioses de modo a configurar com precisão os valores e as marcas ideológicas deixadas na construção dos textos.

Palavras- Chave: Discurso, texto, ideologia, imagem, história

Abstract

To Analyze the speeches that represent different social practices has been the goal of both linguistic sciences and social sciences. This is justified by the need to understand how these discourses articulate ideological assumptions and values that ideologically have access to members of a particular society and, in some way, shape their ways to act, and to understand the reality in which they are immersed. The discourse of history is an institutionalized discourse and, as such is imposed by the classes of power, as something indisputable and, therefore, to some extent, guide behaviors and ideologies. Thus, this study seeks to analyze how the discourse of History builds and maintains ideological representations of an event, in this case, the Paulista Constitutional Revolution of 193, according to the direction of social semiotics that allows relating the linguistic expression to the imagery expression. It is a procedure to test the inter-relationship of different semiosis in order to accurately set the values and the marks left on the ideological construction of texts.

Keywords: Speech, text, ideology, image, history.

Apresentação

Este trabalho tem por tema um estudo das representações ideológicas elucidadas em cartazes cujo referente situa a Revolução Constitucionalista de 1932. Esses cartazes foram utilizados no tempo da Revolução e tiveram por objetivo sensibilizar e atrair os jovens para aderirem ao movimento constitucionalista, atribuindo-lhes grande responsabilidade para com a nação. Atualmente, são utilizados como ilustração, em materiais didáticos, enciclopédias, artigos de divulgação, entre outros, como argumento de reforço para a manutenção de uma determinada ideologia que se projeta, historicamente, como guia para a construção de novas significações, no e pelo discurso. Como se sabe, os cartazes são compostos tanto pelo verbal quanto pelo não-verbal, formando, dessa forma, um sistema semiótico híbrido em que a imagem, somada ao verbal, produz um texto multimodal, com grande força argumentativa. Assim, tem-se por objetivo refletir, entre outros aspectos, sobre a importância da Semiótica Social associada à Análise Crítica do Discurso para o estudo das representações mentais, cognitivas, sociais e ideológicas, em determinados eventos sociais, colocados sob um prisma específico; no caso deste estudo, sob o prisma do discurso da História. Para tanto, faz-se necessário tratar do discurso da história, de estudos sobre o discurso, da Análise Crítica do Discurso, com vertente sócio-cognitiva, e da Semiótica Social.

O Discurso da História: pontos de ancoragem

Há diferentes entendimentos sobre o discurso da História. Alguns consideram o estudo da ação humana ao longo do tempo pela averiguação dos processos e dos eventos ocorridos no passado, o que permite considerar o conjunto destes processos e eventos. De outra forma, História é o registro da sociedade humana, das mudanças que ocorrem no seio dessa sociedade, marcando não apenas as revoluções e insurreições de conjunto de membros dessa sociedade, bem como as diferentes atividades e fazeres dos homens seja na vida funcional para sua manutenção, seja nas várias ciências e artes, seja em todas as transformações vividas pela sociedade (Hobsbawn, 1998).

Enquanto área do conhecimento humano, Leenhardt e Pesavento (1998) afirmam que a História parte de documentos para reconstruir o acontecimento; porém, é necessário considerar que esses documentos são representações em língua de representações sócio-cognitivas, presentes na época daqueles que os

redigiram. Logo, o historiador, ao redigir um documento da História, reavalia como sujeito social o que o documento-fonte traz avaliado pelo seu redator.

Goldman (1989) trata do discurso da História pelo “fazer” do historiador, considerando esse fazer como a transmissão de conhecimentos, construídos pela leitura de documentos que se tornam *monumentos*, pois o “fazer” História compreende registrar fatos relativos a pessoas e ações de prestígio político e social e não registrar fatos relativos a pessoas e ações comuns. Dessa forma, o fazer do historiador é um fazer persuasivo.

Por essa perspectiva, a autora afirma que a História não trabalha com a reconstrução do fato acontecido, mas com as versões deste fato, registradas em documentos. Considerando-se tais versões, o historiador reconstrói o acontecido no passado, tornando-o um *fato histórico*.

Projetando as categorias propostas por Van Dijk (2000), depreende-se que a História é construída pelo Poder. Este, através do Controle, cancela, dependendo de seus interesses, os valores sociais que considera negativos para si e maximiza outros valores que lhe são favoráveis, de forma a construir uma nova escala que passa a ser projetada nas cognições sociais. Logo, o discurso da História, como um discurso público institucionalizado, produz e reproduz ideologia.

Neste estudo, o discurso da História é compreendido como uma prática social interacional específica que se define pelo registro de um material “real”, porém representado por um determinado ponto de vista, relativo aos participantes do Poder. Não há dúvida de que as relações de poder são manifestadas no discurso pelo uso linguístico que se faz no texto. Dessa forma, ao se considerar que os cartazes são organizados pelo linguístico em conjunção com as figuras/imagens, tem-se a possibilidade de identificar a ideologia amalgamada ao signo linguístico.

Nesse sentido, considera-se que todo discurso é uma construção social, não individual, e que só pode ser analisado considerando seu *contexto* histórico-social, suas condições de produção; significa ainda que o discurso reflita uma visão de mundo determinada, necessariamente, vinculada à dos seus autores e à sociedade em que vivem. O texto, por sua vez, seja ele linguístico ou imagético, é o produto da atividade discursiva, o objeto empírico de análise do discurso; é a construção sobre a qual se debruça o analista para buscar, em sua superfície, as marcas que guiam a investigação científica. Assim, faz-se necessário, porém, destacar que o objeto da análise do discurso é o *discurso* construído na relação do verbal, do não verbal e pelo multimodal.

A semiótica social e a multimodalidade: sinais da modernidade

De modo geral, até meados das décadas de 70 e 80 do século passado, todo o material de comunicação em circulação nos diferentes contextos sociais era produzido, predominantemente, configurados pela monomodalidade, isto é, com textos meramente lingüísticos, exceção feita a alguns periódicos que traziam as tirinhas, as HQs ou propagandas com poucas ilustrações e em colorido que não excedia ao preto, cinza e branco. No entanto, a partir da década de 1990, imagens – mais coloridas - passam a dividir espaço com o lingüístico, chegando, muitas vezes, a bastar-se, complementando ou em substituição à própria composição lingüística dos enunciados. Assim, os diferentes gêneros passam por mudanças significativas em que não apenas o lingüístico se faz objeto de observação e de comunicação, mas também o visual passa a dividir espaço nos modos de representação de significados nas diferentes mídias e nas diferentes práticas sociais comunicativas.

Nesse cenário, Hodge & Kress (1988) marcam o início dos estudos em semiótica social aplicada a textos multimodais. Segundo os autores, apreender os sentidos implicados nas operações comunicativas gerais sugere considerar todos os demais modos semióticos que acompanham o modo verbal.

Assim, estudos orientados pela multimodalidade visam investigar os principais modos de representação em função dos quais um determinado texto é produzido, realizado e veiculado, bem como compreender o viés histórico e cultural utilizado para produzir o significado do todo semiótico. Dessa maneira, buscam-se abordar as particularidades de cada modo semiótico, as regularidades de suas combinações, e seus valores em contextos sociais específicos.

Esses estudos – da semiótica social – estão situados na Análise do Discurso que recebe o predicado de Crítica por colocar-se numa visão de explicitar os ocultamentos a que, ideologicamente, são submetidas as minorias sociais por meio de estratégias institucionalmente tidas como aceitáveis de modo a tornar legítimo para toda uma sociedade o que de fato o é apenas para determinados grupos. Assim, a ACD tem concentrado seus estudos no poder institucional, na dominação social de cunho racista e machista, entre outros temas que situam grupos minoritários.

Vieira (2007, p. 10), ancorada em outros estudiosos da vertente da semiótica social, propõe que, se a Análise do Discurso se concentra no texto lingüisticamente realizado, o enfoque multimodal deve orientar para a transposição desse nível de análise e, desse modo, possibilitar compreender os diferentes modos de

representação das coisas do mundo marcados no texto multimodal com a mesma precisão com que se faz a análise do texto linguístico.

Essa vertente se ocupa de como explorar métodos de análises aplicáveis às imagens visuais (que envolvem imagem de todas as ordens e de todas as épocas), assim como a relação existente entre a linguagem e as imagens.

Kress e van Leeuwen (1990) investigam o valor das categorias da linguística sistêmica para análises das imagens visuais e tratam de determinar como as categorias *dado X novo* realizam-se mediante estrutura composicional das figuras. Para eles, o *dado* aparece à esquerda e o *novo*, à direita.

Mais tarde, Kress, Leite-Garcia & van Leeuwen (2000) partem dos seguintes pressupostos:

- 1) a produção e compreensão de texto sempre envolve um conjunto de modalidades semióticas;
- 2) cada modalidade é produzida culturalmente para obter suas potencialidade específicas de representação e comunicação;
- 3) para se ler os textos multimodais, devem-se considerar os textos coerentes em si mesmos;
- 4) tanto os produtores quanto os interlocutores exercem poder em relação ao texto;
- 5) produtores e interlocutores produzem signos complexos – textos cujos signos emergem do “interesse” do produtor do texto;
- 6) tal interesse decorre da convergência de um complexo conjunto de fatores: histórico, social e cultural. Esses agem sobre o contexto comunicativo;
- 7) o interesse resulta na eleição de significantes (formas) apropriados para expressar significados (sentidos), pois a relação entre significante e significado é motivada pelo intencional.

Segundo van Leeuwen (2005), não só as figuras são importantes para interpretações das imagens, mas também os objetos nelas retratados, pois esses são considerados indutores de ideias no cenário analisado. Outras vezes, de uma maneira mais velada, os objetos podem funcionar como verdadeiros símbolos; assim, os objetos são excelentes elementos de significação, pois, de um lado, são descontínuos e completos em si mesmos; e, de outro, revelam significados claros e familiares, na medida em que já são conhecidos para os interlocutores. Logo, são elementos essenciais de um verdadeiro léxico.

Por uma perspectiva do enquadramento das imagens e dos objetos, a distribuição de imagens e cores, no texto, lugares relativos aos locais onde estão situados – acima e abaixo -, passa a ter um importante papel na construção e compreensão dos elementos textuais multimodais, por serem metáforas da verticalidade.

As posições acima e abaixo, segundo Bernardes (2009), significam conceitos de experiências diárias. Para van Leeuwen (2005), as metáforas da verticalidade desempenham um papel importante na construção e manutenção das diferenças sociais. Por exemplo, para o autor, para cima, hierarquizam-se as informações mais elevadas às quais se pretende dar relevância, portanto, relativas ao ideal; em oposição, para baixo, não menos importantes, as representações que indicam o real.

Ainda para o autor, a composição verbal, imagens e cores nem sempre significa divisão e polarização, pois pode reunir, também, seus elementos em redor de um centro, isto é, o ponto que conecta os elementos circundantes, mantendo-os unidos. Assim, quanto mais um espaço é centralizado, mais importantes, sagradas, públicas e interativas são as atividades que ali acontecem. O que está no centro, todavia, não é oposto à margem, pois ele mantém coesão com os elementos ao seu redor, de forma a estabelecer equidade entre os elementos dispostos no texto. Desse modo, sempre que pessoas e objetos, entre outros, estão dispostos em um espaço, o construtor do texto multimodal pode optar pela polarização, pela centralização ou por ambas.

Segundo o autor, se uma composição usa de modo significativo o centro e coloca um elemento no meio, de forma que os outros fiquem ao seu redor, ou quando posiciona elementos em torno de um centro vazio, em ambos os casos, no centro, é apresentado o núcleo do que é comunicado, e os demais que estão em redor, nas margens, são representados, em determinados sentidos, como auxiliares ou dependentes dele.

Mas, em muitas composições, as margens são idênticas ou muito similares uma das outras e, por essa razão, não há senso de polarização, ou seja, não há divisão *dado e novo* ou *ideal e real*. No entanto, no caso em que o centro e a margem combinam com *dado* e o *novo* e/ou *ideal* e *real*, há tanto centralidade como polarização.

Para van Leeuwen (2005), a metáfora visual é um princípio semiótico inovador, pois implica um modo novo de expressar e criar ideias, conseqüentemente, de criar novas práticas. Segundo o autor, a essência da metáfora é a ideia de transferência, ou seja, o ato de transferir alguma coisa de um lugar para o outro, tendo por base a consciência de uma similitude entre os dois lugares. Se considerarmos a metáfora linguística, essa usa palavras cujos sentidos são transportados de um núcleo semântico para outro, por questões de similaridade entre os dois grupos diferentes; no que diz respeito à metáfora multimodal, transportam-se imagens de um contexto a outro, desde que haja entre essas imagens alguma similaridade.

Segundo Chouliaraki e Flairclough (1999), no caso da metáfora, ocorre recontextualização: o deslocamento de um elemento do seu contexto original e sua alocação em outro contexto. Dessa forma, a recontextualização é manifestada tanto pelos intertextos quanto pelos interdiscursos dos textos, em que os elementos selecionados, para serem recontextualizados, são articulados juntamente com elementos já existentes e transformados em um modo particular, de acordo com uma lógica de base ou um princípio de recontextualização.

Ideologia: alguns apontamentos

Há diferentes modos de conceituar ideologia, entre os quais, de acordo com a teoria crítica da escola de Frankfurt, ideologia é uma ideia, discurso ou ação que mascara um objeto, mostrando apenas a aparência, ocultando as demais qualidades. De acordo com a posição sociológica crítica de Thompson (1995), ideologia está relacionada às relações de dominação.

Nesse estudo, considera-se ideologia pela perspectiva de Van Dijk (1998) para quem, do ponto de vista sócio-cognitivo, a ideologia é uma noção, pois o que existe são várias ideologias sociais, na medida em que há uma multiplicidade de marcos de cognições sociais. Para o autor, o estudo das ideologias está situado na área de estudos sócio-históricos a respeito das idéias de grupos sociais e de períodos históricos específicos, pertinentes à construção destas idéias.

Segundo van Dijk (1998), as ideologias não são individuais e não representam lembranças de experiências individuais com o mundo. O autor considera uma figura metafórica para definir a noção de ideologia, comparando-a ao sistema de regras abstratas da gramática de uma língua. Nesse sentido, a ideologia pode ser vista tanto como um conhecimento geral, consensual de uma cultura, quanto como crenças que diferenciam um grupo de outro, por opiniões partidárias. O que determina a ideologia como um axioma é que ela se define como um tipo de conhecimento, instaurado pelo critério de “verdade”, relativa a um grupo ou a uma cultura maior nacional: são os critérios de verdade que constroem o marco de cognições sociais que se chama cultura, no qual a ideologia representa os “axiomas” de crenças sociais que são relativamente permanentes devido ao critério de verdade estabelecido. As ideologias podem mudar, assim como o sistema de uma língua, porém tal mudança é lenta e só pode ocorrer ao longo do tempo dada a sua condição de sistema. A sua modificação acarreta a mudança de uma grande parte das

representações sociais da maior parte dos membros do grupo social e, do mesmo modo, tal modificação leva muito tempo.

A dimensão social das ideologias é examinada na estrutura e funcionamento da organização social do grupo, ou seja, como um grupo social é estruturado a partir de papéis e hierarquia de papéis. O fato de uma pessoa conhecer a organização social por papéis e poder escolher qual representar tem base ideológica.

A dimensão cognitiva da ideologia é examinada na estrutura e funcionamento das idéias sociais que tornam um grupo social um grupo partidário. Trata-se de um conjunto de valores que são as crenças sociais e que decorrem dos objetivos, interesses e propósitos comuns aos membros de um grupo social.

A Revolução Constitucionalista de 1932: uma síntese

A Revolução Constitucionalista Paulista de 1932 – Revolução de 32 é consequência de uma série de fatos políticos, sociais e econômicos ocorridos a partir dos anos de 1920 e é compreendida como uma reação imediata aos novos caminhos traçados por uma política estabelecida sob o comando de Vargas. Os novos representantes instalados no poder, objetivando desfazer a hegemonia das oligarquias, desconstituíram o Congresso Nacional e depuseram os deputados das assembleias estaduais. Os antigos personagens do cenário político foram substituídos por delegados e interventores apoiados pelo presidente da República.

Subestimados pela sua exclusão no ambiente político, os paulistas buscaram meios de se recolocarem nesse contexto político que era controlado pelo governo de Vargas. O clima de oposição entre paulistas e o governo Vargas se acirrou com a nomeação do tenente João Alberto Lins de Barros, ex-membro da Coluna Prestes, como novo governador de São Paulo. O desagrado dessa medida atingiu, inclusive, filiados do Partido Democrático de São Paulo, os quais apoiaram a acesso do governo de Getúlio Vargas.

Questões econômicas, principalmente decorrentes da queda do preço do café, em 1931, consequência da crise de 1929, contribuíram para que a questão política fosse mais agravada. O governo, por meio de uma política de valorização do café, foi obrigado a comprar o volume de grãos produzido e proibiu o preparo de novas áreas de plantio. Por essa razão, houve um crescimento repentino da população nos grandes centros, como em São Paulo,

provocando, ainda, o surgimento de problemas sociais decorrentes desse movimento migratório.

É possível que esteja nesse fato a razão pela qual a revolução constitucionalista conseguiu mobilizar boa parte da população paulista masculina, especialmente jovem, ainda que haja registro de inúmeras atuantes mulheres. Mais do que atender os interesses das velhas oligarquias, os participantes deste movimento defendiam o estabelecimento de uma democracia plena, onde o respeito às leis pudessem intermediar um jogo político já tão desgastado pelo desmando e os golpes políticos.

Antes mesmo que as armas marcassem presença na luta, representantes políticos de São Paulo convenceram o governo Vargas a convocar uma Constituinte e a ampliar a autonomia política dos Estados. Em resposta, indicou um civil paulista para governador de São Paulo - Pedro de Toledo. Logo em seguida, Getúlio Vargas formulou um novo Código Eleitoral que previa a organização de eleições para o ano seguinte. No entanto, um incidente entre estudantes e tenentistas acabou favorecendo a luta armada.

Em maio de 1932, as ruas da cidade estavam tomadas pelos revolucionários, quando um grupo de jovens estudantes tentou invadir a sede de um jornal favorável ao regime varguista. Durante o conflito, os estudantes Martins, Miragaia, Dráusio e Camargo foram assassinados por um grupo de tenentistas. As iniciais dos envolvidos mortos inspiraram a elaboração do lema M.M.D.C., que defendia a luta armada contra Getúlio Vargas.

Nessa sequência, no dia 9 de julho de 1932, o conflito tomou seus primeiros passos sob a liderança dos generais Euclides de Figueiredo, Isidoro Dias Lopes e Bertoldo Klinger. O plano dos revolucionários era empreender um rápido ataque à sede do governo federal, forçando Getúlio Vargas a deixar o cargo ou negociar com os revoltosos. No entanto, a efetiva participação militar não foi suficiente para fazer firme oposição contra o governo central.

Foram quatro meses de desvantajosa luta e, sem o apoio dos aliados, a superioridade das tropas governamentais forçou a rendição dos revolucionários no mês de outubro.

A Revolução Constitucionalista de 1932 é reconhecida como o maior confronto militar ocorrido no Brasil no século XX. Ainda que os paulistas tenham sofrido, naquele momento, uma derrota pelas armas, a sua luta por uma constituição foi exitosa, pois, dois anos após, em 1934, uma assembléia eleita pelo povo promulgou a nova Carta Magna.

Uma proposta de análise multimodal.

Considerando, pelas perspectivas já aludidas neste estudo, que os discursos se compõem na inter-relação do linguístico com outras semioses, e que as imagens, figuras, cores, formas são, na composição do todo textual, complementos na construção de significados plenos, selecionamos cartazes largamente utilizados como ilustração nos livros de história usados pela escola, em enciclopédias e documentos históricos em geral, para verificar como esses cartazes foram ideologicamente construídos - e ainda hoje utilizados - para argumentar e seduzir as pessoas a fim de que elas dessem adesão ao movimento. Para as análises, são consideradas a organização espacial do cenário construído no cartaz, a focalização dada, e a relação intertextual e interdiscursiva.

Figura 1ⁱ



Considerando orientações dadas pelos estudos acima referidos, a imagem exposta no cartaz de convocação para a adesão dos jovens ao movimento revolucionário de 32, verifica-se uma sobreposição de figuras na qual se

identifica, como pano de fundo, tremulando, a bandeira paulista (criada por Júlio César Ribeiro Vaughan, em 1888, para ser a bandeira da República). De acordo com seu criador, essa bandeira simboliza a gênese do povo brasileiro, as três raças de que ele se compõe - branca, preta e vermelha. As quatro estrelas a rodear um globo, em que se vê o perfil geográfico do país, representam o Cruzeiro do Sul, a constelação indicadora da nossa latitude astral. Verifica-se que suas listras cobrem a maior parte da superfície do cartaz, completada por parte do emblema que representa a geografia do país. Na saliência, tem-se a figura de um praça, um soldado, com uniforme e capacete, identificando-o como membro do grupo revolucionário.

Sobre a imagem, na parte superior, tem-se o enunciado “você tem um dever a cumprir” e, na parte inferior, “Consulte a sua consciência”, seguidos, na lateral direita, pela sigla “MMDC”, forte argumento persuasivo uma vez que é considerada identidade máxima do movimento, por reporta-se aos quatro jovens que perderam a vida no confronto ocorrido em 23 de maio de 1932, - Martins, Miragaia, Dráusio e Camargo – o qual desencadeou a Revolução propriamente dita.

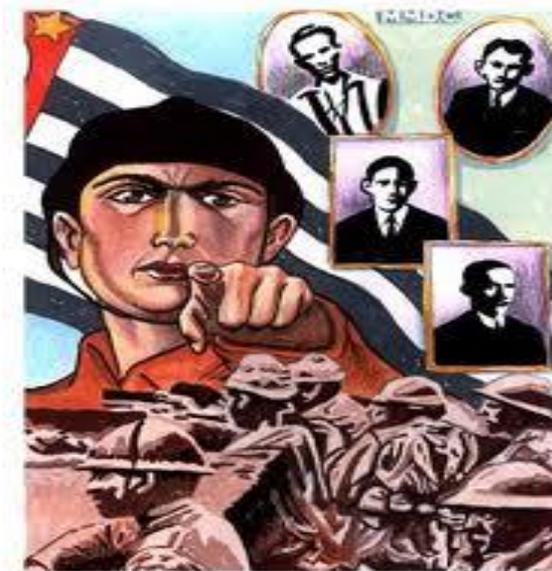
Observa-se, assim, o enquadre das formas simbólicas, de acordo com Kress e Van Leeuwen (1996), em que os sintagmas colocados no centro são os de maior relevância. Pode-se destacar a expressão séria e firme do jovem combatente, olhar direcionado e fixo - onde quer que se posicione, o olhar nos acompanha -, sobancelhas cerradas e, bem mais à frente, o dedo indicador em riste na direção daquele para quem a ordem, expressa pelo linguístico, por meio da forma imperativa verbal, é direcionada “Consulte a sua consciência”. Ao fundo, a Bandeira forrando a superfície pode significar, por uma metáfora, da proteção, o jovem agindo para proteger o território nacional, metonimicamente individualizado como representante dos paulistas. A face do jovem combatente ocupando a área central constitui uma coesão com os elementos em seu redor, ou seja, conforme os autores, o ponto que conecta os elementos circundantes, mantendo-os unidos, formando um todo significativo.

Ainda de acordo com Kress e van Leeuwen, os sintagmas colocados na parte superior do quadro são os chamados “ideal”, isto é, despertar na consciência do paulista/brasileiro o dever de defender os interesses da coletividade brasileira. Observam-se o formato e o destaque dado ao vocativo “você” - letra cheia e em negrito - invocação clara e direta ao interlocutor que se vê interpelado pela obrigação de agir como verdadeiro cidadão com “um dever a cumprir”. O uso da letra cursiva em “tem um dever a” causa o efeito de movimento contínuo, completando-se com o verbo “cumprir” na forma

infinitiva que, por sua própria natureza, sem personalidade, temporalidade ou aspectualidade assume uma força incisiva para a ordem dada no sintagma verbal da parte inferior.

Já os sintagmas da parte inferior, para os autores, representam o real; no caso deste cartaz, a necessidade de consultar a consciência a fim de reconhecer sua obrigação de juntar-se aos demais jovens para lutar na Revolução. Este efeito do real é corroborado pela, digamos, “assinatura” daqueles que já fizeram a sua parte – tiveram a vida ceifada por um ideal . Assim, a sigla “M. M. D. C.”, ideologicamente, impõe autoridade civil para legitimar as causas que motivaram o levante paulista. Em outro cartaz, essa mesma representatividade aparece com algumas adaptações. Conforme se observa na figura 2 abaixo:

Figura 2 ⁱⁱ



Neste cartaz, há apenas o não verbal. A imagem fala por si e dispensa os sintagmas verbais. No entanto, ele mantém uma conectividade com o cartaz anterior e, por um efeito da bricolagem e da metonímia, recorta da História, na parte inferior, o real, a efetiva participação das pessoas em ação de luta; pelo movimento horário, à esquerda, a mesma figura do jovem praça combatente; seguindo para a direita, ao fundo, a bandeira paulista tremulando e dando

movimento às listras como se ela, de repente, desse cobertura aos soldados a sua frente; um pouco mais para a direita, em vez da sigla M.M.D.C., a fotografia daqueles que deram a vida pelo movimento. Isto constrói retoricamente uma figura de presença, cuja força persuasiva é incontestável. Observa-se que o mesmo gesto – o dedo indicador em riste – ocupa praticamente a região central deste cenário, dando, mais uma vez, relevância ao que está implicado por esse gesto: a obrigatoriedade de acatar a convocação daquele que se reconhece na direção do dedo em riste. O texto linguístico se faz desnecessário uma vez que o cenário imagético está presente na memória do brasileiro, em geral, e do paulista, em particular, e inserido no marco das cognições sociais que, ideologicamente, tem perpetuado na atitude do brasileiro esse sentido de “tomar consciência de seu papel em defesa de uma nação unida e vitoriosa com a presença da força jovem. Este fato nesta contemporaneidade se manifestou, como memória, no movimento das “Diretas já” e do “impeachment” da era Collor, em que os jovens foram às ruas de “caras pintadas”, para clamar por mudanças urgentes e drásticas no cenário político brasileiro. Em ambos os casos, o resultados foi positivo.

Ao se verificar como o verbal e o não verbal estão inter-relacionados nestes textos multimodais, destacam-se outras características muito presentes neste gênero tido como híbrido: a intertextualidade e a interdiscursividade, ambas fortemente marcadas na figura 3 abaixo.

Figura 3ⁱⁱⁱ

Este cartaz é mundialmente conhecido e atribuído à personificação nacional dos Estados Unidos e um de seus símbolos mais famosos. Sabe-se que a expressão Tio Sam foi usada durante a guerra anglo-americana em 1812, mas o cartaz foi criado apenas em 1917, encomendado pelas forças armadas americanas, a fim de recrutar soldados para a primeira guerra mundial. Nele não se vê a bandeira norte-americana, mas suas cores – branco, azul e vermelho – estão presentes na composição da figura. Observa-se intertextualidade no sintagma verbal que, tal qual o da Revolução 32, traz uma convocação para o jovem americano. Diferencia-se na objetividade com que interpela o interlocutor ao evocar, na primeira pessoa, “Eu quero você para as Forças Armadas Americanas” (tradução da autora). A interdiscursividade se dá pela própria referência à situação de embate vivida pelos dois grupos – dos brasileiros representados pelos paulistas e dos estadunidenses – em que há a necessidade de convocar sua população para lutar pelos ideais de determinados grupos em nome da nação.

Um dado interessante a salientar diz respeito à focalização dada à figura de um jovem – no caso brasileiro – e à de um velho – no caso americano. Ideologicamente pode-se verificar o valor atribuído a essas figuras: o jovem, talvez ligado à força, à resistência, à impetuosidade, à busca pelo novo, pela

mudança; o velho, talvez ligado à experiência, à sabedoria, à credibilidade, ao poder.

Se, de acordo com Kress e van Leeuwen (1996), no sintagma multimodal, a parte inferior sustem o “real”, no caso deste cartaz, a relevância está no real, pois o “ideal”, destinado à parte superior, encontra-se preenchido pela cartola em cor próxima ao branco, com uma faixa em azul com uma estrela central. Pode-se dizer que a cartola faculta projetar sentidos relativos à nobreza, à superioridade, ao poder, à supremacia pretendida pelos Estados Unidos. Quanto à figura central, esta dá relevo à figura de um velho também de olhar firme, fixo e penetrante, contornado por sobranceiras espessas e cerradas. Esse olhar incisivo, firme e até austero, impõe forte respeito, cujo sentido é completado pelo dedo indicador em riste, apontando para seu interlocutor, exatamente na parte central, marcando, assim, o relevo da informação.

Percebe-se, por esta breve análise, uma relação intertextual e interdiscursiva em que o cartaz produzido para a Revolução de 32 demonstra uma vinculação não só pelos sintagmas verbais e imagéticos, mas também ideológicos, pois ambos representam interdiscursos relativos às temáticas de superação pelo confronto armado e projeção de ações hegemônicas que coloquem seus grupos em posições mais hierarquizadas, isto é, de primazia em relação a outros grupos.

Assim, conclui-se que os valores ideológicos expressos por esse material, produzido na ocasião da Revolução, têm função altamente persuasiva, de modo a tornar o outro – o leitor ou o auditório focalizado - co-responsável pelo resultado positivo ou negativo da Revolução. A inserção desse material como representação e como recurso de presença em diversos textos relativos à Revolução, especialmente aqueles levados à escola por meio de material didático, em diferentes contemporaneidades, evidencia a tentativa de manutenção da ideologia do Poder da época como reprodução às gerações futuras. Nesse sentido, a análise das imagens permite melhor clareza da produção de sentidos em textos híbridos, marcados pela multimodalidade. Logo, um estudo vinculado à Semiótica Social apresenta contribuição importante para a análise das representações ideológicas sobre eventos discursivos históricos.^{iv}

Notas

i

<http://www.google.com.br/imgres?q=Cartazes+da+Revolu%C3%A7%C3%A3o+de+32&hl=pt-BR&sa=G&biw=1247&bih=677&gbv=2&tbm=isch&tbnid> (Acesso em 30-08-2011)

ii

<http://www.google.com.br/imgres?q=Cartazes+da+Revolu%C3%A7%C3%A3o+de+32&hl=pt-BR&sa=G&biw=1247&bih=677&gbv=2&tbm=isch&tbnid> (Acesso em 30-08-2011)

ⁱⁱⁱ <http://www.google.com.br/imgres?q=Imagens+da+Revolu%C3%A7%C3%A3o+-+Tio+sam&hl=pt-BR&gbv=2&biw=1247&bih=677&tbm=isch&tbnid> (Acesso em 30-08-2011)

^{iv} O texto deste artigo foi apresentado no Seminário Temático “Gêneros multimodais e as estratégias de construção de sentidos”, no IX Congresso Latino-Americano de Estudos do Discurso – ALED 2011. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Brasil, 2011.

Referências

- Bernardes, W. W. (2009)** *A constituição identitária feminina no cenário político brasileiro pelo discurso midiático globalizado: uma abordagem discursiva crítica*. Brasília: Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada PPGL/UNB. (Tese de doutorado)
- Chouliaraki, L. e Fairclough, N. (1999)** *Discourse in late modernity: rethinking critical discourse analysis*. Edimburgo: Edinburgh University Press.
- Fairclough, N. (2001)** *Discurso e mudança social*. Magalhães, I. (coord. de tradução). Brasília: Editora UNB.
- Goldman, N. (1989)** *El discurso como objecto de la História*. Argentina: Hachette.
- Hobsbawn, E. J. (1998)** *Sobre a História*. Trad.: Cid Knipel Moreira, São Paulo: Cia das Letras.
- Hodge, R. e Kress, G. (1998)** *Social Semiotics*. Oxford: Polity Press.
- Kress, G. e Van Leeuwen, T. (1996)** *Reading Images: the grammar of visual design*. Londres: Routledge.
- Kress, G. e Van Leeuwen, T. (1990)** *Reading imagens*. Geelong. Vic: Deakin University Press.
- Kress, G.; Leite-Garcia, R.; Van Leeuwen, T. (2000)** “Semiótica Discursiva”. In: Van Dijk, T. (Compilador) *El discurso como estructura y proceso: estudios sobre El discurso. Una introducción multidisciplinaria*. Espanha: Gedisa Editorial.

- Leenhardt, J. e Pesavento, S. J. (1998)** *Discurso Histórico e Narrativa Literária*. Campinas: UNICAMP.
- Thompson, J. (1995)** *Ideologia e Cultura Moderna: teoriasocial crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Trad. Grupo de Estudos sobre Ideologia, Comunicação e Representações Sociais da PUC/RS. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Van Dijk, T. A. (1998)** *Ideology: a multidisciplinary study*. London: Sage Publication.
- Van Dijk, T. A. (2000)** *El discurso como estructura y proceso. Estudios sobre el discurso, una introducción multidisciplinária*. Barcelona: Editorial Gedisa.
- Van Leeuwen, T.(2005)** *Introducing social semiotics*. Londres e Nova York: Routledge.
- Vieira, J. A., Rocha, H., Bou Maroun, C. R., FERRAZ, J. A. (2007)** *Reflexões sobre a língua portuguesa: uma abordagem multimodal*. Petrópolis: Vozes.

Nota Biográfica

	<p>Aparecida Regina Borges Sellan: Doutora em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica São Paulo – PUC-SP; Mestre em Língua Portuguesa pela mesma instituição. Membro do NUPPLE - Núcleo de Pesquisa Português Língua Estrangeira – do IP -Instituto de Pesquisa Sedes Sapientiae, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; do Comitê Institucional de Iniciação Científica da PUC-SP; da SIPLE – Sociedade Internacional de Português Língua Estrangeira; do GEL- Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo; Membro da ALED- Asociación Latinoamericana del Analistas del Discurso. Possui diversas publicações nas áreas de Letras e Lingüística, de Ensino de Português para Estrangeiros e Análise do Discurso.</p>
---	---